

A banda entre os xavantes:
parceria e aventura mística



MICHAEL GRIFFIN

■ MÚSICA

Pintura de guerra



Sepultura lança *Roots*, um disco que mistura rock pesado a sons brasileiros, com a disposição de conquistar cada vez mais o mercado internacional

CELSON FONSECA

A gravação de *Roots*, sétimo álbum do Sepultura, colocou o grupo mineiro de fama internacional diante de uma aventura mística. Em novembro do ano passado, seus quatro integrantes aterrissaram com um bimotor na precária pista da aldeia de Pimentel Barbosa, reserva dos índios xavantes próxima ao rio das Mortes, no extremo norte do Mato Grosso. O objetivo da viagem foi registrar para o disco sequências do *wanaridobê*, canto xavante entoado para curar doenças. Antes que o improvisado estúdio de oito canais fosse ligado à

bateria de um carro, os irmãos Max e Igor Cavalera, Andreas Kisser e Paulo Jr. se submeteram a um rígido ritual de conversão à cultura xavante. Max cobriu suas 30 tatuagens, os outros também, com grossas camadas de tinta vermelha extraída de sementes de urucum, dissolvidas em saliva, e o rosto de cada um foi marcado com carvão.

A incorporação não se limitou à nova decoração corporal. Na primeira noite na aldeia, a banda thrash metal – variação mais rápida e barulhenta do rock pesado – enfrentou uma cerimônia quase sobrenatural.

Iluminados apenas pela lua cheia, perto de 150 índios se reuniram num campo aberto e juntos convocaram seus ancestrais mortos, cantando e batendo os pés no chão. “Eu que sou espiritualista fiquei todo arrepiado, a cena parecia um grande sonho”, contou a ISTOÉ Max Cavalera, vocalista e guitarrista do grupo e autor da idéia de ir até a aldeia. Com o barulho, os xavantes – que até a década de 50 eram considerados os indígenas mais temíveis do Brasil – pediam aos espíritos dos antepassados para lhes enviar bons presságios através dos sonhos, ao mesmo tempo

que davam boas-vindas ao Sepultura.

Pelo apoio logístico, os xavantes receberam R\$ 3 mil e ainda terão participação na venda do disco, como compositores da canção *Itsári*, na qual 50 índios entoam o cântico da cura. O pagamento aconteceu porque eles também meteram a mão na massa, montando barracas, carregando equipamentos etc. Não é a primeira vez que os indígenas têm suas canções registradas por artistas alienígenas. Um trabalho semelhante foi feito em 1991 no álbum *Txai* de Milton Nascimento, com as tribos caiapó, do Pará, wayati, do Amapá, e a surui, do Amapá. Os próprios xavantes, em 1994, lançaram um CD, *Etenhiritipá*. Também não é a primeira vez que o Sepultura se envolve com arcos e flechas. Em *Chaos a.d.* – o ótimo álbum anterior –, a banda gravou a canção *Kaiowas*, homenagem à tribo que cometeu suicídio coletivo em protesto contra a invasão de suas terras pelos brancos. Max Cavalera escolheu *Kaiowas* para tocar na despedida dos xavantes. Quando ele começou a dedilhar a música ao violão, os índios aplaudiram e gritaram “duré”, algo como bis na língua deles. Mas, no instante em que o vocalista soltou sua voz gutural, chegou a afugentar alguns índios.

Para os fãs do Sepultura, o susto com *Roots* é outro. Quem está acostumado ao estilo furioso do grupo – repleto de sons explosivos de bateria aliados a guitarras distorcidas que mais parecem aviões supersônicos – vai encontrar um Sepultura fazendo o mesmo barulho, só que acrescido de timbres completamente alheios ao mundo metaleiro. Max Cavalera toca

berimbau na introdução de *Attitude* e em *Breed apart*, onde também capricha no seu conhecido repertório de urros ensandecidos. Uma outra novidade que deve agradar particularmente ao público europeu é o percussionista baiano Carlinhos Brown. Inventor da timbalada – balaio percussivo que reúne surdos, tambores, agogôs e outros instrumentos –, Brown injeta sua folia rítmica na crueza da banda. É o ponto alto do CD a pajelança de sons em *Ratamahatta*. Na letra, aparecem gírias brasileiras como biboca, gara-

gem, favela, fubanga, brechó e os nomes de Lampião, Zumbi e Zé do Cai-xão. O encontro com Brown ainda acontece, sem o mesmo impacto, nas faixas *Endangered species* e *Ambush*, esta inspirada no caso do líder seringueiro Chico Mendes, assassinado em dezembro de 1988.

Na trilha do politicamente correto, Max critica tardiamente a extinta ditadura no Brasil, nos versos de *Dictatorshit*. Um jeito meio bobo de lembrar suas raízes

para quem está há quatro anos radicado nos Estados Unidos. Max, Andreas e Paulo escolheram Phoenix, no Arizona, enquanto o surfista Igor preferiu as ondas da praia de Santa Monica, na Califórnia. A opção pelo quartel-general americano faz sentido. O Sepultura é menos consumido no Brasil do que na Europa, Ásia e Estados Unidos. *Chaos a.d.* chegou na casa do 1,2 milhão de discos vendidos ao redor do mundo, destes apenas 100 mil foram no mercado nacional. Antes da turnê oficial de lançamento do novo disco – que começa em abril e só termina em janeiro de 1997 –, a banda fez em fevereiro uma corrida prévia em 13 cidades européias. Não por acaso, a excursão relâmpago foi batizada de *Terrorist dates* (Datas terroristas).

Com *Roots*, o Sepultura reforça a intenção de brasilidade. Mesmo porque quanto mais exóticos mais eles se

diferenciam no tonitruante mundo metaleiro. Na busca da extravagância dentro do extravagante, os integrantes passaram maus pedaços. Para gravar nos confins do Mato Grosso, eles só conseguiram tomar banho num riacho cheio de arraias. Nos dois dias de aventura enfrentaram turbas de insetos mais irados que suas músicas. O esforço compensou. *Roots* avança terrenos bem mais férteis. “Abrimos o caminho para um novo estilo sem regras”, diz Max Cavalera. A opção é esperta e revela um salto qualitativo num gênero de rock em que a criatividade costuma ser artigo de luxo. ■



KEVIN ESTRADA

Brown: folia rítmica com tambores e gírias brasileiras

Max é pintado pelos índios: urucum e carvão sobre as 30 tatuagens

